

## ENTREVISTA

### INTERVIEW

A entrevista que fizemos para o volume 5 da InCantare, apresenta o musicoterapeuta, músico, cantor e compositor paranaense Lydio Roberto Silva. Atualmente Lydio divide seu tempo entre atividades artísticas musicais e a docência no curso de Musicoterapia do CAMPUS II – UNESPAR (Faculdade de Artes do Paraná - FAP), nos programas de Pós Graduação Lato Sensu em Educação Infantil e cursos de extensão na UFPR. Em seu programa de TV, apresenta intérpretes que valorizam a música brasileira e, em especial, as tradições culturais do país. Na docência, orienta trabalhos de conclusão de curso e ministra disciplinas ligadas à prática musical do musicoterapeuta. Lydio licenciou-se no curso de Música em 1987 e concluiu sua graduação em Musicoterapia em 1989 na FAP. Depois disso especializou-se em Educação Especial na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em 1988, e logo a seguir, em 1991, concluiu a especialização em Fundamentos Estéticos da Arte Educação, também na FAP. Seu mestrado em Mídia e Conhecimento (Engenharia da Produção), na Universidade Federal de Santa Catarina, foi concluído em 2001. Lydio desenvolve ainda, trabalhos com a canção infantil e é autor livros e CDs.

**REVISTA:** Conte um pouco de sua trajetória musical e dos caminhos que a levaram até o curso e a profissão de musicoterapeuta:

Na verdade sempre me senti muito vinculado à música. Por esta razão, fiz da música meu instrumento de interpretação e leitura do mundo, pois o que não sei traduzir em palavras a música me ajudar a expressar. Mas para tal missão, sempre me senti atraído a investigar e entender como a música podia tocar o coração das pessoas, e mais, como a música podia transformar a vida das pessoas.

A área de saúde também sempre me atraiu e quando, na antiga Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP - hoje FAP), soube que seria aberto o curso de graduação em Musicoterapia, não tive dúvida, me inscrevi para o vestibular para a primeira turma de Musicoterapia. Deu tudo certo e comecei minha caminhada nesta maravilhosa área de estudos.

**REVISTA:** Houve modificação no campo musicoterapêutico desde o início de sua carreira profissional até o presente? Você pode discorrer sobre este assunto?

No início do curso conhecíamos alguns autores e teóricos, como a saudosa professora Clotilde Lenig e o professor Benenzon. Contudo, passados quase 28 anos do meu ingresso na área, vejo que, tanto no cenário nacional, como no internacional, as

contribuições de autores e de experiências são muitas, fatos estes que ampliaram significativamente o espectro de teorias e abordagens da Musicoterapia.

Outro aspecto que chama a atenção está no fato de que os musicoterapeutas são profissionais que transitam em muitas áreas do conhecimento e, talvez por esta razão, se habilitem a construir seus suportes teóricos e vivenciais numa perspectiva multi, inter e até transdisciplinar. Não tenho dúvida de que este cenário favorece o diálogo entre saberes, bem como faz com que o musicoterapeuta seja sempre um profissional crítico, que conviva com as muitas mudanças e reflexões que habitam o campo da arte musical, da saúde e de outras áreas complementares à sua formação.

**REVISTA:** Qual é sua percepção sobre a produção de trabalhos e pesquisas no campo da musicoterapia?

Na verdade não me sinto abalizado para fazer juízos a respeito da relevância das pesquisas. Contudo, acho que temos avançado significativamente, pois mesmo nesse vasto universo de investigações sobre a arte, as ciências sociais e a saúde, temos produzido conhecimento com características próprias, isto é, temos construído formas particulares de expor nossa visão sobre a música e seus desdobramentos. Na verdade, quero dizer que nossos trabalhos já têm um discurso próprio e isto é um atestado de reconhecimento às nossas produções.

**REVISTA:** Qual é, na sua opinião, o ponto forte da prática musicoterapêutica?

Antes de tudo somos músicos, não é? Trabalhamos com uma linguagem artística, uma criação humana e divina, visto que somos feitos imagem e semelhança do Criador. Enfim, trabalhamos com música, produto da expressão e da criatividade humana, que diz muito de cada pessoa, de cada sociedade, de cada civilização, de cada tempo, de cada lugar. Não há registro de humanidade sem a presença da música. Assim, ela é um espelho sonoro das realidades humanas. Por isto, creio que nosso *ponto de luz* (iluminação) está no fato de sermos criadores e intérpretes das expressões sonoro-musicais, e mais, somos *ouvidores* das expressões humanas pela música, uma linguagem que nos permite mergulhar no universo do não dizível, daquilo que não se pode traduzir em palavras, mas que é realidade no coração e na mente humana.

Em outras palavras, no ponto forte está na possibilidade que temos de ajudar as pessoas a minimizar seus problemas e maximizar suas potencialidades por meio de vivências que podem ser diferentes, criativas, lúdicas e mais perto da linguagem das emoções.

**REVISTA:** E quais são as limitações?

Não sei se há limitações... Do ponto de vista terapêutico, somos humanos e nem tudo podemos encarar, não é? Do ponto de vista científico, tudo é um dever, uma grande

gama de possibilidades. Do ponto de vista mercadológico (mundo do trabalho profissional), creio que ainda somos semeadores, garimpeiros, ou coisa que o valha. Trabalhamos com a desconfiança, com a resistência das reservas de mercado, com o medo do novo e a insegurança de que tomaremos o lugar de outros profissionais, mas creio que isto faz parte do momento, da posição que esta área relativamente nova e ainda desconhecida gera nas pessoas de forma geral. Sei que aqueles que conhecem e informam-se um pouco de nosso trabalho nos recomendam. Isto já é um belo sinal. Vamos semeando!

**REVISTA:** O que você pode falar sobre a formação do musicoterapeuta?

Não sei de todos os currículos dos cursos de formação em Musicoterapia, mas posso garantir que os que conheço são muito atrativos. Neles, percebo a possibilidade de desenvolver a musicalidade, a investigação sobre a mente humana e alguns dos mistérios anatomofisiológicos do ser humano. Vivências artísticas, dinâmicas grupais, ensaios criativos, filosofia, o rigor do discurso científico, enfim, as proposições de formação de musicoterapeutas é uma possibilidade ímpar de visitação interior e expansão do ser *no* e *para* o mundo. Nem nós e nem a nossa música é a mesma depois que passeamos pelas experiências *curriculares* dos cursos de Musicoterapia. O que se dá também fora dos currículos, como as trocas de experiências musicais e encontros são essenciais para a formação. Contudo, penso ser necessário que os cursos invistam ainda mais na produção, estudo e vivências musicais durante o período de formação. Acredito piamente que quanto mais sabemos de música, mais saberemos do ser humano.

**REVISTA:** Qual o caso mais marcante de sua prática? Por quê?

Entre as muitas situações quando estagiava e outras situações de exercício profissional, certamente poderia citar várias passagens. Contudo, a primeira situação que vivi parece ter sido a que marcou definitivamente minha relação com a Musicoterapia. O que me marcou profundamente foi quando uma criança portadora de Síndrome de Down, que eu atendia na Escola Ecumênica de Curitiba, certa vez chegara para a sessão muito agitada, nervosa. Após alguns momentos de atendimento, compus uma canção de improviso, algo em ritmo ternário e lento, uma espécie ostinato que serviu como canal de comunicação e ambientação para que esta criança modificasse seu comportamento, isto é, acalmando-se. Foram muitos minutos de sonorização e ao final da sessão a criança demonstrava estar mais tranquila e equilibrada. Batizamos esta canção de *Sabiá*, pois naquele improviso, pouco antes de cantar, contei a ela uma historinha sobre o pássaro sabiá. Na sessão seguinte, para minha surpresa a criança trouxe e me deu um desenho que produzira e que também chamara de *Sabiá*. Soube que fez esta produção nos dias entre uma sessão e outra. Repetimos a canção em outros encontros e o nosso canal de diálogo e vínculo se estabeleceu com esta canção. O fato de a criança produzir um desenho fora da sessão para me presentear me tocou profundamente e me fez pensar na responsabilidade e, sobretudo, na profundidade que era o nosso fazer musical no contexto terapêutico.

Cantei e toquei para aconchegar e dar àquela criança outras possibilidades de interação com o mundo. Isto é tudo, isto é lindo.

**REVISTA:** Qual seria sua mensagem aos musicoterapeutas que estão iniciando sua trajetória profissional?

Vivam a música nas suas mais diferentes formas. Toquem muito, cantem muito, estudem muito, filosofem, reflitam, permitam-se viver a diversidade dos muitos fazeres musicais, mas não esqueçam de exercitar a escuta, a atenção, o olhar, o acolhimento das dores e das alegrias. Métodos, técnicas, teorias são indispensáveis ao caminho de ajudar pessoas, mas ainda são instrumentos, ferramentas. O imprescindível mesmo é ser pessoa, sentir-se pessoa, perceber as pessoas e toda a grandeza e fragilidade humana que cada ser humano traz consigo. Ética, espiritualidade e muita vontade de construir um mundo melhor são motes vitais para quem quer fazer da música, em seu sentido mais amplo, um instrumento de transformação do mundo.